

Meus caros contemporâneos,

Também eu já cheguei à fase da vida em que me dão desconto nos museus sem eu o pedir. Depois da reforma, estou contratado pelo Hospital de Évora, em part-time, onde integro a equipa hospitalar de cuidados paliativos, além de algumas horas semanais dedicadas à neurologia. Suspendi a actividade privada. Desde há uns meses, estudo filosofia na Universidade de Évora. Vivo no campo, a 4km da cidade, numa quinta sem animais domésticos além dos nossos cães, com a minha mulher e agora também com os meus dois filhos mais novos. Vou sabendo dos dois mais velhos, dos dois netos e do meu irmão mais velho (refugiado no meio do campo) pelo WhatsApp. Temos um bom acesso à internet. Temos amigos. Os meus pais e a minha irmã já morreram, são o que mais me falta na vida. Pergunto-me: que posso eu esperar mais?

Sou diabético, hipertenso e fisicamente pouco activo (além de subir e descer as escadas do hospital). Sei que a morte não está longe, mas recuso-me a ter medo. Sou contra a lei da eutanásia, mas completamente a favor do acesso de todos a bons cuidados paliativos. Incluindo sedação paliativa, quando não houver outra alternativa. Vou continuar a dar a minha contribuição, dentro das minhas capacidades. Não concebo a vida sem o fazer, não teria qualquer valor. Teria dificuldade em olhar para a minha cara no espelho. Mas o verdadeiro espelho é a face dos outros que nos olham e interpelam.

Sempre a humanidade sofreu devastações episódicas. No entanto, somos cada vez mais, biliões neste pedaço de terra à deriva no espaço. Seres inacabados e inseguros, pobres de evidências que nos salvem, gananciosos nos jogos de poder, escravizados pelo desejo e pelo dinheiro. Pelo meio, temos lampejos de solidariedade e compaixão e sentimos que pertencemos uns aos outros. Este é o quadro que resulta do estado de evolução do nosso cérebro, não lhe podemos fugir. Chegámos ao ponto em que podemos e estamos a consumir e destruir o nosso próprio ambiente. Sabemos de muitas espécies que já foram extintas (muitas por nós) e que a nossa também o será, por nossa culpa. Mas também sabemos que, até ao fim, passada esta crise e outras que virão, os seres humanos voltarão à euforia do consumismo. A seu tempo, afundar-nos-emos como o *Titanic*, com a orquestra a tocar. Não haverá tecnologia que nos salve.

Não há evidência ou consenso ético ou científico que possa contrariar esta voragem. O que fazer?

Bem, podemos, todos os dias, agradecer a beleza do mundo e a maravilha do amor. Podemos, agora em especial, apreciar o silêncio e os pequenos sons da vida à nossa volta. Por que razão não podemos ir trabalhar ou passear no campo ou na praia, se

conseguirmos cumprir as regras de prudência sanitária? Reparem no exemplo dos suecos, que não precisam de estado de emergência ou coisa parecida.

Muitos de nós, temos mais tempo! Podemos conversar, reparar melhor nas pessoas, não cair na armadilha das piadas permanentes. Podemos ficar a ouvir o mar, o vento ou a chuva e meditar como nunca o tínhamos feito.

Não sei se não teremos de voltar um pouco atrás nas nossas formas de vida se as tecnologias de comunicação ou energia falharem por falta de assistência.

Mas podemos então fazer qualquer coisa que não careça de electricidade. Coisas de que já nem nos lembramos, como fazer uma horta (notem: estamos na altura de semear tomate, uma maravilha da nossa terra) ou criar galinhas que nos dêem ovos, podemos dançar, cantar, escrever ou pintar. E podemos dormir mais durante a noite, mesmo sem comprimidos, para melhorar a nossa saúde. Talvez possamos desligar algumas horas a televisão!

Creio que já perceberam o que eu estou a dizer, todos podem acrescentar qualquer coisa. No fundo, todos sabemos o que é preciso para se ser feliz.

Cada um de nós pode sempre fazer o melhor que puder, procurar ter a consciência tranquila e recusar ter medo. Todos sabemos que não podemos viver verdadeiramente se estivermos com medo de morrer. Temos apenas de ser prudentes. Se assim fôr, não precisamos de quarentena e podemos evitar a desgraça económica que se avizinha. Precisamos verdadeiramente de dirigentes à altura dos tempos que vivemos.

Choraremos os que morrem mas chegaremos à conclusão que a crise foi uma grande oportunidade para sermos melhores.

Évora, 31 de Março de 2020

António de Lencastre Leitão